

OS CHEIROS E CARACTERÍSTICAS DE HINDIÉ CONCEIÇÃO, PERSONAGEM SINESTÉSICA DE MILTON HATOUM

THE SMELLS AND CHARACTERISTICS OF HINDIÉ CONCEIÇÃO, MILTON HATOUM'S SYNAESTHETIC CHARACTER

Flávia Roberta Menezes de Souza¹
Hayala Cristina Rocha de Araújo²

RESUMO

Este artigo analisa a figura de Hindié Conceição, do romance *Relato de um certo Oriente* (1989) de Milton Hatoum, sob a perspectiva das sinestesias que suas características geram nos demais integrantes da narrativa. Por meio de um estudo detalhado foi destacada a presença da personagem como uma força sensorial que opera como catalisadora de experiências sensoriais múltiplas — sons, cheiros, cores e texturas — que interligam os sujeitos da obra por meio de afetos e lembranças partilhadas. Ao investigar esses cruzamentos sinestésicos via estudos exploratórios baseados na verificação e análise de materiais publicados, a pesquisa explora como Hatoum utiliza as características de Hindié para aprofundar as relações presentes na obra e a relação entre sinestesia e literatura.

Palavras-chave: Sinestesia, *Relato de um Certo Oriente*, Hindié Conceição, Milton Hatoum.

ABSTRACT

This article analyzes the character of Hindié Conceição, from the novel *Relato de um certo Oriente* (1989) by Milton Hatoum, from the perspective of the synesthesias that her characteristics generate in the other characters in the narrative. Through a detailed study, the presence of the character was highlighted as a sensory force that operates as a catalyst for multiple sensory experiences — sounds, smells, colors, and textures — that

¹Professora EBTB do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: flaviaroberta1901@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3903990777278841>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9163-5516>.

² Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Pós-graduanda lato sensu em Linguagens e Artes na Formação Docente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: hayalaaraujo@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0057219107428527>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2418-8250>.

interconnect the subjects of the work through shared affections and memories. By investigating these synesthetic intersections through exploratory studies based on the verification and analysis of published materials, the research explores how Hatoum uses Hindié's characteristics to deepen the relationships present in the work and the relationship between synesthesia and literature.

Keywords: Synesthesia, *Relato de um Certo Oriente*, Hindié Conceição, Milton Hatoum.

Introdução

“Hindié batia palmas e gargalhava, despreocupada em mostrar a gengiva crivada, e indiferente às nuvens de moscas que empastavam as mechas de cabelo que caíam até o meio das costas.” (Hatoum, 2002, p. 20). *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum é um romance que chama a atenção por possuir uma diversidade de personagens que assumem a posição de narrador, permitindo uma rica multiplicidade de perspectivas e vozes que enriquecem a história e oferecem ao leitor uma compreensão mais profunda das relações familiares e tensões presentes na obra. Apesar da estrutura narrativa fragmentada, o livro não se destaca somente por isso, todos os seus personagens são extremamente interessantes e renderiam excelentes pesquisas, mas este estudo elegeu Hindié Conceição como o foco principal devido às suas características distintivas.

Antônio Candido em *A Personagem de Ficção* (2009) disserta que no romance a personagem é múltipla, não sendo restrita às suas designações iniciais ou de maior destaque, isso porque o gênero permite a combinação de caracterizações (Candido, 2009, p. 56). Nesse sentido, Hindié Conceição é uma mulher simples e confiante de Emilie, protagonista da narrativa, por isso é muito presente no cotidiano da família central da história. Os relatos, memórias e citações sobre ela perpassam por vários momentos, sendo representada como uma pessoa fiel presente, mas que não recebe destaque, podendo ser considerada uma personagem secundária (Reis, 1988, p. 38), ao passo em que ajuda a construir o mundo ao redor da personagem principal.

Como os personagens são construídos de forma complexa, não sendo resumidos a um único desígnio (Candido, 2009, p. 57), pois são desenvolvidos de modo a

possuírem particularidades, Hindié recebe destaque devido às suas características físicas e comportamentos que geram experiências sensoriais desagradáveis. Assim, este estudo visa verificar a relação entre os cruzamentos de sentido e a literatura por meio das particularidades da personagem e as sensações que causam nos integrantes da narrativa. Para isso, primeiramente será abordado de forma breve o histórico do escritor Milton Hatoum e do romance *Relato de um certo Oriente* (1989); posteriormente será posto em pauta o conceito de sinestesia e sua relação com a literatura; e, por fim, serão explorados os cruzamentos de sentidos originados por características de Hindié Conceição.

Milton Hatoum e *Relato de um certo Oriente*

Considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea, Milton Assi Hatoum é um escritor, tradutor, colunista e professor amazonense amplamente reconhecido por sua contribuição à ficção nacional. Suas obras são marcadas por uma escrita sensível que articula questões identitárias, culturais e afetivas a partir do universo amazônico e das relações familiares. Hatoum alcançou grande projeção literária com seus três primeiros romances — *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005) —, todos vencedores do Prêmio Jabuti, uma das mais prestigiadas premiações da literatura brasileira. Nessas produções, o autor constrói narrativas densas e envolventes, explorando temas como o exílio, a memória, os conflitos geracionais e a complexidade dos vínculos interpessoais.

Descendente de libaneses, Hatoum frequentemente aborda o hibridismo cultural em seus escritos ao mesclar personagens do Líbano ao território manauara. Além disso, é um escritor que constrói textos por meio de lembranças, memórias e não se restringe a um foco narrativo, sendo difuso e dando luz a várias vozes. Esse é o caso de *Relatos de um certo Oriente* (1989), obra publicada pela Companhia das Letras, traduzida para diversos idiomas e adaptada à arte cinematográfica e teatral.

O romance possui como pano de fundo a vida conflituosa de Emilie, matriarca libanesa moradora de Manaus. A narrativa tem início com o regresso de uma personagem, filha adotiva da protagonista, à sua terra de origem justamente um dia antes da morte da mãe. Com o objetivo de comunicar o falecimento ao irmão, que se

encontra em Barcelona, a personagem que em nenhum momento é nomeada, faz um compilado de memórias sobre Emilie, que a levam a embarcar em uma espécie de tentativa de recuperar lembranças de infância e da história da família, isso em conjunto aos relatos e reminiscências de outros personagens que cruzam a obra de maneira significativa: Hakim, o filho mais velho; Dorner, o amigo, o inominável marido de Emilie; e Hindié Conceição, grande conhecedora dos segredos e sentimentos da falecida. Cada um desses relata as memórias com base em sua perspectiva, criando narrações sobrepostas umas às outras, ato abordado por Culler (1999, p. 92):

As complicações da narrativa são ainda mais intensificadas pelo encaixe de histórias dentro de outras histórias, de modo que o ato de contar uma história se torna um acontecimento na história – um acontecimento cujas consequências e importância se tornam uma preocupação principal. Histórias dentro de histórias dentro de histórias.”

Dessa maneira, o livro contém oito capítulos, cada qual pertencente a personagens que abordam o que viveram e ouviram em relação à família protagonista com base em experiências e recordações, como disserta Walter Benjamin (1983) sobre o modo de narrar ao “Colher o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiências dos que ouvem suas histórias” (Benjamin, p. 60). Assim, a história oral apresenta-se como um elemento na construção de memória, sendo fundamental nas composições dos relatos, especialmente do marido de Emilie, que tem seu capítulo narrado por lembranças do que contava a Donner. Nesse sentido, reminiscências viabilizam aos leitores adentrar ao livro, sentir os cheiros, as sensações dos personagens e conhecer os dilemas do núcleo familiar multicultural retratado na narrativa.

Sinestesia e literatura

Manifestações sinestésicas são exploradas em diversas áreas, principalmente na Medicina, a qual entende, desde o final do século XX, o fenômeno como uma condição neurológica que ocorre a partir de um estímulo que evoca elementos do sistema sensorial, estabelecendo relações de cruzamentos entre eles. Nesse contexto, etimologicamente o termo deriva do grego “syn” e “aisthesis” que significam,

respectivamente “união” e “sensação.” O neurologista Oliver Sacks, em seu livro *Alucinações Musicais – relatos sobre a música e o cérebro* (2007), elucida que em cinestesistas o processamento dos cinco sentidos ocorre de forma atravessada na leitura de informações com base em gatilhos externos.

No que tange à literatura, essa área de conhecimento já utilizava da sinestesia desde a metade do século XIX com os simbolistas, que expressavam seu sentimentalismo e o estado de suas almas por intermédio da introspecção e do pessimismo, recorrendo aos cruzamentos sensoriais para comunicar as experiências vividas inconscientemente. Dessa forma, metáforas e sinestesias passaram a ser empregadas como recursos para expressar as inquietações humanas, como se observa no poema *Vogais* (1883, p. 61), de Arthur Rimbaud:

A negro, E branco, I rubro, U verde, O azul, vogais,
Ainda desvendarei seus mistérios latentes:
A, velado voar de moscas reluzentes
Que zumbem ao redor dos acres lodaçais;

O termo sinestesia, quando utilizado para tratar sobre a condição de cruzamento, ou seja, quando uma modalidade sensorial é requisitada e uma distinta também é despertada (Sagiv, 2005, p. 3), é um mecanismo útil na construção de textos por permitir a associação de sensações referentes a diferentes órgãos dos sentidos. Nesse panorama, nos estudos linguísticos é um recurso que amplia a capacidade de interpretação e fruição artística, possibilitando a criação de relações sensoriais com efeitos de sentido sendo propagados nos personagens de narrativas ou naqueles que as leem. Assim, por meio do estímulo sensoriais é possível que um autor leve ao leitor impressões que transpassam as linhas de um texto e alcançam efeitos sinestésicos, criando, muitas vezes, algo que “aproxima-se da metáfora por ser também uma figura que lida com processo associativo. Em alguns livros, aparece com o nome de metáfora sinestésica ou sinestesia” (Henriques, 2011, p. 137).

Em narrativas é frequente que a relação entre os cinco sentidos apareça em primeira pessoa, ocorrendo em descrições, diálogos e até mesmo em pensamentos, uma voz da consciência, só sendo de conhecimento externo caso o indivíduo verbalize. Assim, a experiência sensorial “torna-se comunicável e mistura-se ainda com uma visão pessoal de cada um que a compartilha” (Heyrman apud Presa, 2008, p. 56). Com base

nisso, pode-se depreender que a exposição de sensações carrega as opiniões e intenções de quem as manifesta, podendo ser de narradores, personagens secundários ou até mesmo de autores. Além disso, o cruzamento de sensações adiciona uma camada extra de profundidade e complexidade à experiência sensorial leitora.

Hindié Conceição: Personagem sinestésico

Nos estudos existentes sobre *Relato de um certo Oriente* (1989), Hindié Conceição é frequentemente definida como uma personagem companheira, confiável e fiel, por ser o apoio da protagonista nos mais diversos momentos de aflição narrados na obra, sendo considerada de interesse secundário, como alguém que “têm uma participação menor ou menos frequente no enredo; podem desempenhar papel de ajudantes do protagonista ou do antagonista, de confidentes, enfim, de figurantes.” Gancho (2001, p. 12). Porém, no que tange à caracterização da personagem, Hindié sai de uma posição de menor destaque para adentrar na classificação de personagens redondos, os quais “apresentam uma variedade maior de características” Gancho, 2001, p. 13), que podem ser distribuídas entre

físicas: incluem corpo, voz, gestos, roupas; — psicológicas: referem-se à personalidade e aos estados de espírito; — sociais: indicam classe social, profissão, atividades sociais; — ideológicas: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião; — morais: implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista.” (Gancho, 2001, p. 13).

De início, a menção inicial ao nome da personagem ocorre no primeiro capítulo, enquanto a filha de Emilie conta ao irmão lembranças de quando eram crianças: “E mais tarde, quando completaste dois anos, aquele pedestal foi abolido, já podias fixar-te no solo e andar sozinho, mas continuavas cercado por uma muralha de mulheres, exalando odores tão estranhos quanto seus nomes: Mentaha, Hindié, Yasmine (...)” (Hatoum, 2002, p. 13). Isto é algo recorrente na obra, Hindié frequentemente chama a atenção por seu cheiro, tão desconfortante que quebra as barreiras entre os sentidos e cria sensações sinestésicas. As características dela são desconfortáveis a ponto de se tornarem

marcantes, existindo poucas referências que não a invoquem como uma caricatura pitoresca, sendo a personagem, assim, dominada por marcas invariáveis que são reveladas desde o início da história (Candido, 2009, p. 10).

Segundo Sousa (2009), a sinestesia ocorre em textos como uma metáfora que envolve um ou mais sentidos “mediante o cruzamento de sensações diversas, de associações diferentes numa só impressão criada pela palavra” (Sousa, 2009, p. 39). Ou seja, podem ser utilizadas outras figuras de linguagem para comunicar as experiências sensoriais que ocorrem nas narrativas, permitindo uma exploração mais profunda de emoções. Essas ferramentas linguísticas ajudam a criar significados que tornam mais reais as vivências dos personagens, ao mesmo tempo em que ampliam a riqueza descritiva do texto.

Assim, em uma memória da filha Emilie o odor que exala de Hindié é evidenciado e comparado com o cheiro de cera derretida, algo impregnado, que se espalha lentamente pelo ambiente, envolvendo tudo ao seu redor com uma aura fétida, quase mágica. Essa essência peculiar parece ter vida própria, evocando memórias e sensações que pairam no ar, sugerindo não apenas a presença da mulher, mas também um elo profundo com momentos passados, repletos de nostalgia. Dessa maneira, a lembrança de cada inalação do cheiro singular da personagem torna-se uma viagem sensorial que transporta o rapaz para lugares distantes e desconfortáveis, assim “a percepção dos cheiros é a ponte para o subconsciente irracional” (Hertel, 2005, p. 126), como é expresso no trecho:

Mais tarde, de noite, ao encontrar tio Hakim, entendi o quanto lhe havia impressionado o odor do corpo de Hindié, como se ela quisesse estampar, através de um cheiro inconfundível, a lembrança de uma marca do passado que exalava por todos os poros de um corpo monumental. Não saberia adjetivar ou comparar aquele cheiro formado por uma auréola invisível, mas inseparável do corpo, como o odor de cera derretida impregnado no espaço sombrio da igreja onde conversara com Dorner: o odor se alastrando na nave para que esta se torne habitável através do odor. Há muitos anos ela devia conviver com este cheiro esquisito, tão arraigado no corpo que era capaz de anunciar a sua presença, como os passos que ressoam antes da aparição de alguém que pode surgir aos nossos olhos a qualquer momento. (Hatoum, 2002, p. 74).

Hindié não permeia somente a memória da narradora anônima e seu cheiro marcante também tem bastante espaço nas manifestações feitas por Hakim, que sempre destaca suas características como algo que poderia o seguir, de modo que criasse vida e fosse capaz de assolar as lembranças:

Mas havia algo mais forte e repulsivo no corpo dela: o cheiro, o odor de azedume que flutuava ao redor daquela mulher como uma aura de fétidos perfumes. Na infância há odores inesquecíveis. Durante esses anos de ausência, não sei se seria capaz de recompor na memória o corpo inteiro de Hindié, mas o bafo que se despregava dela, mesmo à distância, me perseguiu como a golfada de um vento eterno vindo de muito longe. (Hatoum, 2002, p. 20).

O trecho apresenta uma intensa carga sensorial ao combinar percepções de diferentes sentidos, resultando em uma representação mais vívida e complexa da personagem. O cheiro de azedume que flutuava ao redor de Hindié é descrito quase como uma presença física, envolvendo a mulher e sugerindo que o aroma transcende a mera sensação, permeando o ambiente e criando uma aura.

A associação com o fétido perfume acentua o contraste entre o que normalmente evoca prazer e o odor desagradável de azedume, intensificando a aversão que o narrador experimenta. Ademais, a podridão transcende a esfera física, assumindo uma dimensão imaterial que parece se expandir e persistir, conectando o presente ao passado. Essa imagem ilustra a ideia de que o cheiro se torna tão marcante e intrusivo que vira uma presença constante, uma força que assola Hakim de maneira quase sobrenatural, evocando desconforto e inquietação que vão além do simples olfato, atingindo a memória e a alma do indivíduo.

Além do fedor, as características comportamentais também estabelecem relações sinestésicas nos que estão ao seu redor, em certo momento da narrativa Hindié é representada como um ser carismático e carinhoso por gostar de abraçar e beijar crianças. Entretanto, Hakim chama de “pequenas vítimas” aqueles que são contemplados com a afetuosidade da mulher, elencando que o apreço é classificado como um “sadismo requintado”. O carinho da personagem, assim como seu odor, é algo que gera sensações ruins, descritas como uma “incomoda sensação física, sem a

transcendência e a naturalidade do gesto materno, que, para ser caloroso e sensual, não necessita de excessos nem de grandes encenações.” (Hatoum, 2002, p. 20).

À luz do conceito apresentado por Umberto Eco em *A História da Feiúra* (2007), o feio não se limita à aparência externa, mas é também uma construção social que provoca incômodo e reflexão (Eco, 2007, p. 24). Hindié encarna essa feiúra multifacetada ao provocar reações intensas nos personagens ao seu redor, evidenciando nela uma imagem grotesca. Com cabelos desgrenhados e roupas que pareciam ter sido escolhidas ao acaso, a mulher se destacava de maneira excêntrica, seu comportamento, marcado por gestos expressivos e risadas intensas, contribuía para acentuar o desconforto já provocado por seu odor, gerando sensações de incômodo nos que a cercavam, como se observa no seguinte fragmento:

Talvez por isso, quando criança, eu me sentia sufocado e acuado na presença de Hindié, não tanto pela feiúra e desleixo do seu corpo, e sim pela maneira que me seguia, ou melhor, me perseguia, com os dois braços abertos e agitados, que para o tamanho de uma criança pareciam um par de tentáculos, enormes e ameaçadores. Ela anunciava a sua visita batendo palmas estrondosas, gritando Emilie com uma voz pastosa que vinha da gengiva e ecoava nos aposentos da Parisiense. Eu e Samara saíamos em disparada rumo ao lugar mais recôndito da casa, onde permanecíamos encasulados numa rede, escutando as vibrações de um vozeirão a rondar o nosso esconderijo. (Hatoum, 2002, p. 20).

O comportamento e a aparência de Hindié são alvo de constantes observações ao longo da narrativa, os elementos utilizados para descrevê-la — frequentemente associados a imagens grotescas, exageradas ou desagradáveis — revelam não apenas uma insatisfação latente, mas também certo estranhamento em relação à sua figura. As comparações feitas com a personagem, que evocam sensações de repulsa, servem como indicativos do julgamento social e simbólico ao qual ela está submetida. A amiga de Emilie é apresentada, em diversos momentos, por meio de descrições que carregam um tom de reprovação, tanto em relação ao seu comportamento — considerado excêntrico ou excessivo — quanto à sua aparência física, marcada por traços que a distanciam do ideal de beleza ou decoro esperado pelas normas sociais vigentes no contexto da obra:

Sem largar o cabo do narguilé, abanando-se com um leque descomunal feito de fios trançados e enfeitados com penas de pássaros, ela só parava de matraquear para tomar fôlego e enxugar o suor do rosto com a ponta da saia, sem se importunar em mostrar a folhagem de panos transparentes que separava a pele do algodão florido da túnica que nunca tirava. No entanto, esse gesto aparentemente despudorado, além de parecer natural à Hindié, permitia criar uma intimidade quase familiar entre ela e as “crianças” da casa. (Hatoum, 2002, p. 19.).

Os personagens na função de narradores frequentemente a descrevem ressaltando suas peculiaridades, como se cada detalhe de sua aparência e comportamento fossem registrados continuamente, comportando-se como uma câmera (Brait, 1985, p. 56), observando e buscando uma oportunidade para pontuar o que é considerado inadequado. Por exemplo, sua maneira de falar incessante, misturada ao uso do narguilé e ao leque incomum, não apenas a diferencia como uma figura excêntrica, mas também a transforma em um alvo de desdém e em um poço de desconforto, assemelhando-se a alguém inconveniente.

Considerações finais

A personagem Hindié Conceição emerge como uma figura singular que transcende as relações comuns entre as sensações, gerando efeitos sinestésicos, criando uma experiência rica e multifacetada que reflete a sua caracterização e a relação que estabelece com os demais personagens da obra. Sua maneira de interagir é percebida por nuances que frequentemente contrastam suas características físicas com suas ações, criando encontros sensoriais que revelam suas condições íntimas, principalmente os filhos de Emilie, que relaciona as características a um passado aparentemente não superado.

Hindié é descrita por cheiros de forma vívida e integrada aos sentimentos e experiências de terceiros de forma incisiva, tornando os fenômenos sinestésicos não apenas uma impressão pessoal, mas um meio pelo qual Milton Hatoum explora temas amplos como a identidade, a memória e a relação entre os indivíduos. A representação dos odores da mulher torna-se uma ferramenta para revelar as camadas profundas da

experiência humana, destacando como as percepções sensoriais moldam e refletem a compreensão acerca do outro.

Nesse sentido, a análise da personagem permitiu uma reflexão sobre a importância da sinestesia na literatura como um mecanismo para uma criação literária multifacetada que expande as experiências do leitor. A representação dos cruzamentos sinestésicos não só amplia a compreensão sobre a personagem, mas também enriquece a experiência leitora ao introduzir uma dimensão sensorial que transcende a linguagem convencional. Assim, a abordagem do autor proporciona uma perspectiva sobre como a literatura pode representar a complexidade das experiências humanas por meio das múltiplas práticas sensoriais.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CANDIDO, Antônio. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.
- ECO, Umberto. *A história da feiúra*. Trad. Maria João Lobo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HENRIQUES, Cláudio César. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- HEYRMAN, Hugo. First International Conference on Art and Synesthesia, Espanha. Art and Synesthesia: in search of the synesthetic experience. Espanha: Universidad de Almería, 2005. Disponível em: <https://www.doctorhugo.org/synaesthesia/art/>. Acesso: abril de 2024.
- HERTEL, Ralf. *Making sense: sense perception in the British Novel of the 1980s and 1990s*. Amsterdam: Editions Rodopi, 2005.
- SAGIV, Noam. *Synesthesia in perspective*. In: ROBERTSON, Lynn Robertson; SAGIV, Noam (Ed.). *Synesthesia: Perspectives from cognitive neuroscience*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 3-9.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de Texto: Leitura e Redação*. São Paulo: Ática, 2001.

REIS, Carlos; LOPES, Ana. Cristina. *Dicionário de Narratologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

RIMBAUD, Arthur; GARTRELL, Michael. *Rimbaud: Poesias e Poemas em Prosa Seleccionados*. São Paulo: 2016.

SACKS, Oliver. *Alucinações musicais – relatos entre a música e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Maria das Neves. *Sinestesia e Indeterminação na poesia rimbaudiana traduzida para o português*. Ceará, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, UECE.

Recebido em: 22/01/2025

Aceito em: 30/05/2025